



Divulgação

Nesta entrevista, o escritor Cristóvão Tezza fala sobre sua carreira e divulga projetos com os quais pretende encantar os apaixonados pelo romance. Dono de carreira literária brilhante, autor de obras premiadíssimas, como *O Filho Eterno* (2007) e *O Fotógrafo* (2004), revelou sua maneira de dar vida às palavras em palestra proferida no último dia 19, durante o I Colóquio de Crítica da Cultura, promovido pelo Programa de Mestrado em Letras. Nascido em Lages (SC) no ano de 1952, o escritor exerceu, durante 25 anos, a função de professor universitário. Em 2009, deixou o cargo na UFPR e passou a se dedicar de corpo e alma aos encantos da criação literária.

Como você explica o processo da criação literária?

Cristovão Tezza: A criação literária foi um processo de toda a minha vida, mas somente agora é que eu estou pensando sobre ela. Tive que reassumir o meu lado professor para tentar desvendar esse processo. É um mistério, é uma escolha. Num momento da vida, você escolhe a literatura e aí passa a viver em função dessa relação diferenciada com a palavra, sempre com um senso de inadequação. Coloquei tudo em torno da atividade literária como meio de sobrevivência.

Em sua carreira, você recebeu dez dos mais importantes prêmios literários do país e do exterior. Qual a sensação de ser considerado pela crítica como o romancista que trouxe para a “literatura brasileira uma maturidade há muito desejada e pressentida”?

É bom ouvir isso, é uma sensação boa sentir essa receptividade do público e da crítica. O escritor, no geral, quer mais da crítica do que do público. Mas é uma coisa acidental. Eu passei anos num ostracismo muito grande. Entre os anos 80 e 90 eu ia publicando e não acontecia nada. Perdi todos os concursos! (risos)

O Filho Eterno lhe rendeu vários prêmios renomados. O romance trata de sua relação com seu filho Felipe, portador da Síndrome de Down. Como você explica a inspiração baseada nessa delicada relação pai-filho?

Sempre falo sobre o tema, muito difícil na minha vida. Eu levei mais de vinte anos para começar a enfrentar o fato de ter um filho especial. É um tema muito difícil para a literatura, muito fácil escorregar, cair no sentimentalismo, na pieguice, na autopiedade. Meu desafio foi fazer boa literatura a partir de tema tão pessoal. Acho que deu certo.

Como Felipe reagiu ao sucesso da obra?

A noção dele de sucesso não é a mesma que a gente tem. Ele abstrai pouco, mas é uma criança muito alegre e, obviamente, sabe que o livro é muito importante lá em casa. É uma relação muito inteligente, ele diz que sou o “Cristóvão Tezza Escritor”. Felipe dá a isso uma grande importância, porém, na cabeça dele, o livro é um eterno presente, visto sempre com grande alegria.

Você possui admiração por algum escritor, em particular?

Tenho uma admiração profunda pelo trabalho do escritor. Minha vida gira em torno deles. Tive várias paixões, várias ligações fortes com diferentes autores em diferentes momentos da minha vida. Comecei com Monteiro Lobato, o primeiro autor que eu li, que me encantou e me que me inspirou a escrever. Hoje leio os contemporâneos, J.M. Coetzee, Philip Roth, Ian McEwan, Milton Hatoum, Adriana Lisboa e Bernardo Carvalho. Procuro acompanhar a produção da minha geração.

Em seu novo livro, *Um Erro Emocional*, você deixa um pouco o lado familiar e parte para uma reflexão mais intimista. Há algum traço que identifique as personagens com sua vida ou sua carreira, como em *O Filho Eterno*?

Não. O único livro escancaradamente biográfico que escrevi foi *O Filho Eterno*. Nenhum dos outros traz elementos da minha vida, talvez *O Ensaio da Paixão*, um dos primeiros, lançado nos anos 80, inspirado nas minhas experiências na comunidade de teatro, apesar do registro muito fantástico. Os outros, foram só imaginação e experiência.

Houve um certo receio de escrever um novo livro, após o estrondoso sucesso de *O Filho Eterno*?

Para falar a verdade, não. Todo novo livro é angustiante. Quando eu escrevo um novo livro, sempre fico ansioso para saber como ele vai ser recebido, parece que estou começando o processo todo de novo. Com *O Filho Eterno*, não tive nenhuma ansiedade especial além do que a natural que existe em cada livro novo.

Você já tem em mente algum outro projeto literário que pretenda encantar leitores brasileiros e estrangeiros?

Tenho três projetos. Um livro de contos, com a mesma personagem de *Um Erro Emocional*. E, antes que digam que agora estou fazendo livros em série, fique registrado que o novo romance veio depois desses contos. O segundo projeto é o de um ensaio acadêmico sobre a criação literária, no qual vou tratar a linguagem do romance sob o ponto de vista de quem escreve um romance. É um trabalho “transacadêmico”, pois quem foi professor durante 25 anos nunca perde o cacoete. E, finalmente, tem um projeto lá para frente, talvez 2012, de um grande romance, que está começando a amadurecer na minha cabeça.

E o cinema?

O Filho Eterno foi vendido para o cinema, vai ser filmado provavelmente em 2012. É um projeto grande, de uma produtora importante de São Paulo, a RT Features, que está fazendo um banco de roteiros a partir de obras da literatura brasileira. Foi também adaptado para o teatro pelo grupo Atores de Laura, do Rio de Janeiro, e deve estreiar ano que vem. Eu cedo os direitos, o livro passa a ser do diretor e ele passa a fazer o que quiser. Eu só vou assistir depois. ●